

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS ARTEFATOS CULTURAIS: PENSANDO NOVAS POSSIBILIDADES

THALIA LOPES DA SILVA<sup>1</sup>; ALINE MACHADO DA SILVA<sup>2</sup>; PAULA CORRÊA HENNING<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande – FURG – [thalialopes1998@gmail.com](mailto:thalialopes1998@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande – FURG – [alinemachado0411@gmail.com](mailto:alinemachado0411@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal do Rio Grande – FURG – [paula.c.henning@gmail.com](mailto:paula.c.henning@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de discussões realizadas pelo Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG acerca da potência que a Educação Ambiental tem conquistado na contemporaneidade, atravessando de diversos modos a vida dos sujeitos. Uma visão apocalíptica e antropocêntrica recorrente nos discursos de crise ambiental vem produzindo e influenciado os modos de ser e agir desses sujeitos diante das problemáticas ambientais.

Frente a isso, este trabalho parte de uma perspectiva pós-estruturalista tendo como objetivo geral analisar os ditos veiculados através de artefatos culturais e que vêm fabricando modos de vidas na atualidade. Para tanto, foram analisadas as reportagens de capas da Revista Veja, veículo midiático de ampla circulação no Brasil, dois filmes e letras de músicas de sete bandas de Rock and Roll de diferentes países. Destaca-se ainda que este estudo utilizou como aporte teórico a Análise do Discurso em Michel Foucault, assim como os pressupostos teóricos referentes ao campo da Educação Ambiental de Félix Guattari, Leandro Guimarães, Marcos Reigota e entre outros. Salienta-se ainda, que esse trabalho não se propõe a encontrar respostas ou metodologias para a construção de uma Educação Ambiental que se consideraria “ecologicamente correta”, mas sim problematizar o modo como ela vem sendo produzida, narrada e enunciada nos tempos atuais. Nesse sentido, nossa modesta pretensão é provocar o pensamento sobre as verdades veiculadas nos artefatos culturais acerca dos modos de fazer Educação Ambiental.

### 2. METODOLOGIA

A realização do presente trabalho consistiu na análise das reportagens de capas da Revista Veja no período de 2000 a 2015, dos filmes *Batalha por T.E.R.A* (2007), *Wall.E* (2008) e letras de músicas de sete bandas de Rock and Roll de diferentes países. O caminho metodológico para dar conta de responder a tal investigação está fundamentado na análise do discurso abordada pelo filósofo francês Michel Foucault, operando especificamente com os conceitos de discurso, enunciado e enunciação.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na atual conjuntura da Ciência Moderna a Educação Ambiental fabrica uma forma de olhar o mundo através de polaridades excludentes, nas quais enxergamos: sujeito/objeto, natureza/cultura, certo/errado entre tantos outros (Carvalho, 2008). Nesse sentido, foi a partir da modernidade que o homem passou a compreender a natureza como um objeto a ser explorado, eximindo-se do seu papel como parte integrante deste meio. Com isso, a partir da análise das reportagens de capas da Revista *Veja*, dos filmes de animação e das músicas de *Rock and Roll* foi possível constatar que as enunciações presentes nas mesmas tratam dessa questão de maneira assustadora e apocalíptica, assim, realizando um chamamento geral para a preocupação com o futuro do planeta Terra.

As reportagens de capas da Revista *Veja* analisadas em questão, apresentam um cenário catastrófico no qual estão presentes enunciados que culpabilizam o ser humano pelos atuais problemas ambientais, bem como pelo possível fim do planeta que essa situação pode acarretar. Ditos como “Estamos devorando o planeta” (Revista *Veja*, dez. 2009) presentes nesse artefato cultural são extremamente marcados por um apelo midiático que gera medo e terror nos sujeitos, produzindo modos de ser e agir “ecologicamente corretos” que objetivam a salvação do planeta Terra.

Dentre os filmes de animação que compuseram o *corpus* de análise do trabalho, *Wall.E* (2008), por exemplo, apresenta um futuro pós-catástrofe planetária, no qual devido as ações do homem a Terra tornou-se um lugar inóspito, impróprio para a habitação humana. A perspectiva apresentada nesse filme evidencia um prognóstico apocalíptico do futuro presente no discurso contemporâneo de crise ambiental que atravessa os mais diversos âmbitos e sujeitos deste tempo. Os referidos aspectos são perceptíveis em todo o pano de fundo de *Wall.E*

O discurso de crise ambiental encontra-se amplamente difundido, não se atendo apenas a uma determinada parte do corpo social ou do mundo. Além da análise dos artefatos culturais em geral, o olhar atento especificamente sobre as letras de músicas de *Rock and Roll* demonstram que o referido discurso apresenta-se em diversos países. Observou-se assim, que os enunciados de terror e medo, bem como os de culpabilização e responsabilização dos sujeitos pela destruição ambiental são destacadas nas letras de inúmeras bandas de *rock*. Nesse contexto, pressupondo a popularidade desse estilo musical, compreendemos o quanto ele pode ser potente na produção de ditos que vão ensinando sobre a crise ambiental.

Considerando as inúmeras definições de discurso Michel Foucault diz que “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2012, p. 135), dessa maneira, compreende-se que eles constroem verdades a partir da materialidade de um determinado objeto. Nesse sentido, o *corpus* de análise do trabalho apresenta como materialidade os problemas ambientais. Dessa maneira, os discurso de crise ambiental sustentado pelos enunciados de Terror e Medo pela perda do Planeta e também e pelo Antropocentrismo, colocam o homem na posição de agente salvador/destruidor da natureza. Assim, torna-se imprescindível ressaltar que o entendimento acerca do conceito de natureza, meio ambiente e do campo ambiental é uma construção histórica e cultural, a qual são determinados diferentes modos de ser, agir e pensar sobre o meio em que o sujeito está inserido. Contudo, a partir do conceito de ecosofia, Guattari propõe a criação de:

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, como o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, dos socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores da nossa época (GUATTARI, 1991, p. 55).

Por meio deste trabalho realizamos um estudo acerca dos discursos legitimados como verdades nos artefatos culturais que circulam em nossa sociedade, desenvolvemos problematizações concernentes ao modo como o homem se posiciona diante dos ditos que o atravessam em sua relação com o mundo em que vive. Sendo assim, o presente estudo buscou fomentar novas possibilidades de enxergar a natureza e os sujeitos em suas relações para com a mesma.

#### 4. CONCLUSÕES

Dessa maneira, a partir dos estudos realizados com os artefatos culturais citados no corpo do referido trabalho foi possível compreender que através do enunciado de Terror e Medo acerca do discurso de crise ambiental, a Educação Ambiental vem sendo acionada como aquela que poderá nos conscientizar e dizer o modo de agir frente as problemáticas com o meio ambiente.

Vale ressaltar ainda, que este estudo não possuiu como finalidade eximir a existência de problemas ambientais, mas teve como objetivo provocar problematizações acerca da forma como o discurso de crise ambiental vem sendo veiculado nos artefatos culturais, produzindo assim modos de pensar a EA. Com isso, entendemos a importância de colocarmos sob suspeita esses modos de pensar esse campo de saber, e assim potencializar nosso pensamento, provocando-nos a pergunta: o que (ainda) pode a EA em tempos de crise ambiental?

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, I.C.M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2008. 256 p.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012 . 264 p.

GUATTARI, Félix. **As Três ecologias**. Campinas: Papirus, 1991.